

**O Centenário de Nascimento de
MALBA TAHAN,
um professor de Matemática "das Arábias"**

No dia 6 de maio de 1895, nascia na cidade do Rio de Janeiro o futuro professor, matemático e escritor Júlio César de Mello e Souza, que se tornou conhecido pelo pseudônimo de **Malba Tahan**, o Malba Tahan dos contos árabes, do curiosíssimo "O Homem que Calculava" e dos mais variados livros sobre maravilhas da Matemática.

Este centenário tem sido comemorado com vários eventos, com séries de palestras sobre sua obra e inclusive com a peça teatral "O Homem que Calculava", de total sucesso, escrita por Atilio Bari. Em São Paulo e no Rio tem sido comemorado este centenário, e agora nos vem de Brasília a notícia de que lá também, em outubro, Malba Tahan será lembrado.

Também tive a oportunidade de falar sobre ele aqui em São Paulo, não a respeito de seu sistema lúdico-didático de professor inovador, nem a respeito de seus livros de contos árabes, mas sim de sua infância, juventude, peripécias de sua vida, já que ele era para mim pessoa muito chegada, por ser meu tio, irmão de minha mãe. Faço aqui um resumo dessa palestra, feita na verdade de improviso, mas baseando-me num artigo que escrevi para nossa revista NÓS, por ocasião de sua morte, em 1974. As primeiras palavras desse antigo artigo eu as disciplinei por

algumas frases dos jornais da época, pois era grande minha emoção ao escrever sobre essa figura inesquecível de minha vida. Aos poucos, porém, consegui desdobrar o assunto, tal como se segue:

Malba Tahan morreu aos 79 anos, repentinamente, como pressentira e desejara, de acordo com carta deixada a seus parentes. Nela pede para ser enterrado da maneira mais modesta possível e recomenda a um amigo que expresse, quando seu corpo baixar à sepultura, apenas pensamentos relacionados à causa dos leprosos, preocupação de toda a sua vida. Realmente, Malba Tahan visitou todos os leprosários do Brasil, fundou a revista "Damião", dedicada à causa dos leprosos, e escreveu dezenas de artigos sobre o assunto. Professor de escolas particulares, professor catedrático do Colégio Pedro II, do Instituto de Educação, da Escola de Belas Artes e da Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, Malba Tahan ainda encontrou tempo para dar aulas a menores delinqüentes do extinto S.A.M. Deixou, aproximadamente, uma centena de livros e fez conferências em dezenas de cidades brasileiras sobre Didática, Matemática, Arte de contar histórias e outros assuntos. Uma semana antes de sua morte, com uma vitalidade única, viajara para Foz do Iguaçu. Voltando ao Rio, foi padrinho de casamento de sua empregada Didi e, generoso como era, deu a festa em sua própria casa, presenteando os noivos com a viagem de lua de mel. Em seguida foi para Pernambuco, onde fez duas conferências antes de falecer. Malba Tahan deixou três filhos, genro, noras e netos. Ao morrer, encontrava-se a seu lado sua esposa, Nair, a ex-aluna com quem casara 49 anos atrás, companheira infatigável, que não poupou esforços para proporcionar ao

escritor um ambiente favorável, em que pudesse dar largas à sua imaginação e à sua verve de contador de estórias. Ela era bem a "mulher que trata de tudo", do poema "Família", de Carlos Drumond de Andrade, além de grande admiradora dos livros do marido. Não me esqueço de seu sorriso e do ar de encantamento com que me disse um dia, folheando um livro novo: "Mas como o Júlio escreve bem, não é mesmo?" Ele, por sua vez, confessava à sua irmã mais velha, minha mãe: "Que é que eu faria se não fosse a Nair?"...

... "Em torno da vida misteriosa do escritor árabe Malba Tahan, têm sido feitas várias pesquisas. Sabe-se apenas, por informações um pouco vagas, que Ali Yesid Ibn Salim Hank Malba Tahan viveu em Meca..."

Assim começava o poeta Olegário Mariano um prefácio ao livro "Novas Lendas do Deserto", introduzindo aos leitores um autor imaginário, que não era senão o brasileiro Júlio César, um dos nove irmãos Mello e Souza; não era senão o Julinho da meninice na cidade de Queluz, domesticando sapos, fazendo-os puxarem carrinhos feitos de caixas de fósforos, recurso de garoto pobre. Os sapos mais bojudos tinham os nomes solenes de "Monsenhor" e "Ilustríssimo Senhor", e seguiam obedientes o caminho por onde o menino os tocava. Deu trabalho preparar o pequeno Júlio para o exame de admissão ao ginásio da capital. João, o irmão mais velho, desanimou de lhe dar aulas, tantas eram as vezes em que o aluno saía correndo ao primeiro grasnar dos gansos, para ver se não estaria acontecendo nada ao "Monsenhor"! João chegou a escrever para o pai, que estava no Rio: "Não sei como o Julinho vai-se sair no exame: ele escreve mal e é uma negação para a

Matemática." Anos depois, o próprio João declarava num livro de memórias da infância: "Ninguém é profeta em sua terra e muito menos em sua casa!"

Sim, o exótico Malba Tahan fora o rapazinho Júlio que, para poder comprar sua merenda na escola, escrevia para os colegas as suas redações pedidas pelos professores, em troca de algumas moedas. Certa vez, ao estudar História, impressionado com a importância da figura de Júlio César e de Alexandre o Grande da Macedônia, dirigiu-se à casa de um amigo seu chamado Alexandre e bradou, solene, ao molecote que lhe abrira a porta: "Fâmulo! Vá dizer a Alexandre que Júlio César chegou!" O molecote, velho conhecido, não se deu por achado e gritou lá para dentro, sem cerimônia: "Seu Xandico! Seu Julinho tá aí!" No Rio de Janeiro, Júlio às vezes estudava à noite, à luz de vela, na cozinha da casa de uma tia. O divertido de tudo era observar as baratas que apareciam, conseguir pintar as antenas de cada uma com cores diferentes e depois descobrir seu sistema de comunicações, e qual a barata que parava para "conversar" com outra. Nesse tempo, já havia no fim do ano escolar o famoso exame oral, terror dos alunos que tinham de depor suas tímidas dissertações aos pés da sabedoria da banca examinadora. Mas o valente rapazinho Júlio era cheio de recursos e tratava de se sair bem, especialmente nos exames de Geografia, matéria que nunca achava tempo para estudar o suficiente. As portas e janelas da sala do exame ficavam apinhadas de colegas curiosos, à espera de diversão:

- Então, senhor Júlio, fale-me da ilha de White!

Júlio pensava consigo mesmo: "E eu que nem

sei que ilha é essa! Só me lembro de um cartão postal, onde havia uma ilha não sei de onde, cheia de carneiros e com algumas montanhas...."

- Vamos, senhor Júlio!

- Ah, sim, a ilha de White. Qual delas, professor?

- Como, qual delas?!

E o professor, pensando na possibilidade de haver realmente mais de uma, disse:

- Bem, bem, fale-me da ilha de White que o senhor conhece.

- Pois não! A ilha de White tem sua principal riqueza nas criações de carneiros, e é razoavelmente montanhosa...

... E punha-se o Júlio a descrever a sua ilha de White.

De outra vez, tratava-se dos estados do Brasil, e o Júlio só estudara Pernambuco, sabia Pernambuco na ponta da língua. E não é que lhe cai uma dissertação sobre o estado da Paraíba!

- Bem, senhor professor, o estado da Paraíba é... um estado em franco progresso e... bem... deve grande parte desse progresso ao fato de ser vizinho ao estado de Pernambuco...

E lá se mudava o Júlio, com armas e bagagens, para uma dissertação brilhante sobre Pernambuco, o que, por sorte, encantou um dos membros da banca examinadora, que era pernambucano.

Mas o caso mais temido, que deixou a turma das galerias, isto é, das portas e janelas, quase de fôlego suspenso, foi o caso dos acidentes geográficos:

- Senhor Júlio! Partindo, em linha reta, de

Tomsk, na Sibéria, até Antofagasta, no Chile, quais os acidentes geográficos que o senhor encontra no caminho?

Pronto! A turma sabia que o Júlio ignorava completamente tão grande quantidade de acidentes e esperou pelo pior.

- Bem, senhor professor... partindo em linha reta, vamos encontrar, em seguida à terra de Tomsk, areia, arenito, terreno calcário, xisto, rochas ígneas...

- Mas, como?! O senhor está brincando comigo?

- Absolutamente, professor! O senhor há de convir que uma linha reta, partindo da Sibéria, só mesmo passando pelo centro da terra é que iria rebentar no Chile!

Mais tarde, já na Escola de Engenharia, trabalhando como humilde contínuo para pagar o almoço na cidade, o moço Júlio se metia em tudo que era curso, cujas matérias estudava durante o trajeto do bonde.

"Mas, Júlio" - diziam os irmãos - "até Escola de Arte Dramática? Você não tem jeito para isso". "Não faz mal" - respondia - Assim vou treinando, e não há exame que me assuste."

Sim, o nobre árabe Ali Yesid Ibn Salim Hank Malba Tahan fora também o estimadíssimo professor Júlio César dos meus tempos de ginásio, que solene e jovial ao mesmo tempo, entrava em classe pondo a mão à altura do coração e da testa, numa saudação muçulmana, e dizendo:

"Salam aleikum". Suas aulas, alegres, curiosas, eram uma verdadeira novidade. Cada dia era dado um exercício no qual era praticada a matéria da aula, e cada exercício era numerado. Quando a classe chegava ao de número 100, era dada uma festinha onde se serviam gulodices. Mas o mais divertido eram

as iniciais misteriosas que o professor colocava abaixo do número do exercício, e cujo significado - em geral uma frase sábia - só era revelado no fim da aula. A meninada ficava impaciente e, às vezes, para quebrar a monotonia, o significado era bem simplório. Qual não foi nosso espanto um dia, quando ele revelou que N.L.C., em baixo do exercício nº 43, queria dizer "número lá de casa", pois o professor morava à rua Artur Araripe 43, na Gávea. E, num célebre dia de lição difícil de difícil aprendizado por parte de nossas cabecinhas duras, ele colocou as iniciais C.E.S. debaixo do número do exercício. O professor fez cara de sério o tempo todo, como que zangado com nossa dificuldade de entender a aula, para no fim, ao revelar o sentido das letras, fazer cara de exausto e sorrir para nós. Pois C.E.S. queria dizer: "Como eu soffro!"

Nos exames orais dados pelo professor Júlio César, não havia "choros nem ranger de dentes"; acabavam-se as lágrimas e os nervosismos diante da simplicidade do homem que detestava reprovar alunos e que lhes transmitia a segurança necessária ao sucesso no exame.

Porém para mim, acima de tudo, Malba Tahan era um dos personagens especiais de nossa numerosa família, o homem que, ao chegar em sua casa, em vez de tirar paletó e gravata, tirava os sapatos. "É preciso estar em contato com o chão" - dizia. E assim, de terno e gravata e de pés descalços, andava pela casa, escrevia seus livros e atendia quem quer que o viesse procurar. Era o enxadrista (e bom enxadrista desde os 15 anos de idade) que vi vencer dois adversários ao mesmo tempo, voltado de costas para os

tabuleiros. Ele explicava: "É só fechar os olhos que vejo os tabuleiros à minha frente." Era o conferencista cheio de vitalidade e entusiasmo, que chegava de suas viagens contando um grande número de casos que alegravam os serões de família. O caso mais incrível foi o do cofre. Fora ele a uma cidade mineira, hospedando-se com um amigo, em cuja casa havia um cofre há muito abandonado; era um cofre alemão que fora do pai dele, e cujo segredo se perdera com sua morte. Até aquele dia, todas as tentativas para abri-lo tinham sido inúteis. Sabendo disso, o conferencista carioca declarou, de pura brincadeira, que abriria o cofre, e se pôs a girar o segredo para lá e para cá diante dos olhos incrédulos de todos, e descrente ele mesmo do resultado de tudo. Mas de repente - oh espanto dos espantos! - o cofre se abriu, revelando seu segredo e seu conteúdo.

Sim, Malba Tahan, para mim, era o querido tio Júlio, que às vezes, cheio de entusiasmo e sem nenhuma falsa modéstia, irrompia na sala declarando à família: "Hoje escrevi um conto notável!" E lá vinha "O mendigo das moedas de ouro" ou "O sábio da efelogia".

Querido tio Júlio que, há tantos anos, sossegava a algazarra dos filhos e sobrinhos com a estória animada do "Rei Sapão", que convocou a assembléia do seu povo, para que todos julgassem um retrato seu pintado pelo coelho. A criançada se esparramava pelo chão, e tio Júlio explicava que os sapos nunca estão de acordo, e dividia a turminha em dois grupos. O rei sapo perguntava: "O retrato está bom ou não?" Era então que um grupo respondia: "Bom, bom, bom..." e o outro: "Mau, mau, mau...", ao mesmo tempo. "Devo ou não devo pagar o pintor?" "Paga, paga,

paga..." "Não paga, não paga, não paga..." Como resultado dessas exclamações contraditórias, regidas em cadência pelo narrador, acabávamos parecendo mesmo um bando de sapos coaxando. Não sei quem se divertia mais: se éramos nós ou se era tio Júlio, o travesso inventor da brincadeira. Não estaria ele procurando reproduzir para si mesmo a saudosa cantoria dos sapos no brejal de Queluz? Não estaria ele procurando recordar o "Monsenhor" e o "Ilustríssimo Senhor"?

Estas linhas são incompletas, mas escritas com grande emoção, só posso terminá-las como o próprio Malba Tahan terminou a apresentação de um livro seu, citando uma frase do místico frei Tomé de Jesus:

"A todos peço, por amor de Jesus, paciência para com as minhas imperfeições e emendas para as minhas ignorâncias."

Nota: Hoje, leio que a vida e a obra de Malba Tahan foram objeto de recente matéria na conceituada revista Science (EUA), e seu centenário recebeu destaque na UNO, revista espanhola de didática das matemáticas. Ao lado de Sam Loyd, Yakov Perlman e Martin Gardner, Malba Tahan é um dos mais importantes recreacionistas e popularizadores da matemática em todo o mundo. O resgate de suas idéias e de sua obra é de grande importância no campo da educação.

Colaboração Ruth Salles